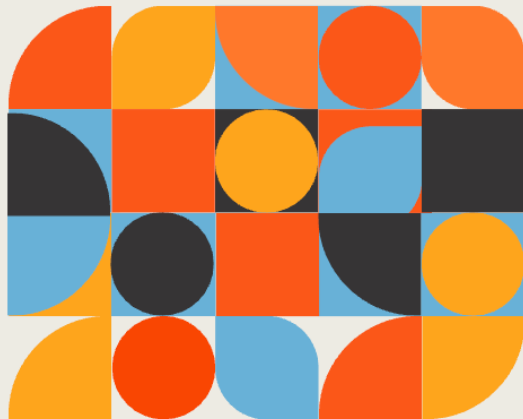




## AS COSTUREIRAS DE CARUARU: UMA DISCUSSÃO INTRODUTÓRIA SOBRE A MODA COMO ARGUMENTO PARA EMANCIPAÇÃO FEMININA

*THE SEAMSTRESSES OF CARUARU: AN INTRODUCTORY DISCUSSION ON FASHION  
AS AN ARGUMENT FOR FEMALE EMANCIPATION*

Silva, Barbara Danielle N. L.; Graduada; Universidade Federal de Pernambuco, barbara.danielle@ufpe.br<sup>1</sup>

Coelho, Leticia Isabel Alves; Graduada; Universidade Federal de Pernambuco, leticia.isabel@ufpe.br<sup>2</sup>

Lopes, Maria Teresa; PhD; Universidade Federal de Pernambuco, teresa.lopes@ufpe.br<sup>3</sup>

Grupo de Estudos em Formação do Olhar<sup>4</sup>

**Resumo:** Este artigo faz o debate, dentro do campo da moda, relacionando a ordem discursiva das costureiras da cidade de Caruaru, no Agreste de Pernambuco, para entender como se organiza o processo de emancipação feminina, tomando o trabalho na moda e no design de moda como cenário para essas considerações. Concluímos constatando conceitos como: trabalho e precarização; trabalho e invisibilização e uma condição emancipatória ambivalente quando o assunto se trata das mulheres costureiras de Caruaru.

**Palavras chave:** Moda; Emancipação Feminina; Costureiras de Caruaru.

**Abstract:** This article discusses the discursive order of seamstresses in the city of Caruaru, in the Agreste region of Pernambuco, in the field of fashion, in order to understand how the process of female emancipation is organized, taking work in fashion and fashion design as a setting for these considerations. We conclude by noting concepts such as: work and precariousness; work and invisibility; and an ambivalent emancipatory condition when the subject is female seamstresses in Caruaru.

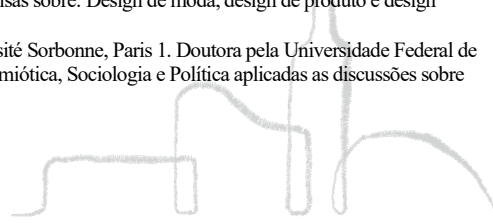
**Keywords:** Fashion; Female Emancipation; Seamstresses of Caruaru.

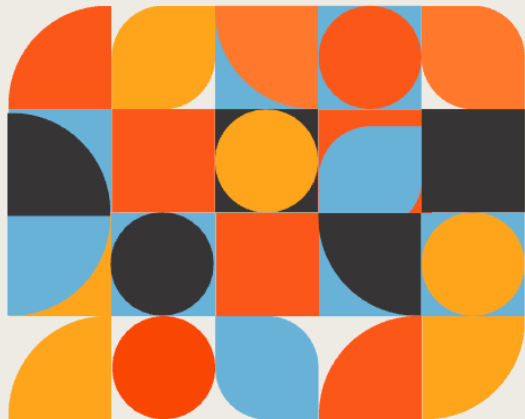
<sup>1</sup> Graduada em Design no Centro Acadêmico do Agreste - Universidade Federal de Pernambuco - (CAA-UFPE). Monitora das disciplinas: Design, Sociedade e Semiótica. Participante do Grupo de Estudos em Formação do Olhar (GeFol) e extensionista no laboratório Carranca. Possui interesse nas áreas de: Gráfico, Ux Design e Moda.

<sup>2</sup> Graduada em Design no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (CAA-UFPE). Monitora da Disciplina de Estética e Plástica e da Disciplina de Design, Sociedade e Cultura. Participante do Grupo de Estudos em Formação do olhar GEFol. Possui interesse em pesquisas sobre: Design de moda, design de produto e design gráfico.

<sup>3</sup> Pós-doutorado em Design Educação - PUC - Rio de Janeiro (em andamento); Pós-doutorado em semiótica pela Université Sorbonne, Paris 1. Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com Sanduíche na Université Sorbonne, Paris 1. Pesquisadora nas áreas de Formação do Olhar, Semiótica, Sociologia e Política aplicadas as discussões sobre emancipação feminina, a moda e o design.

<sup>4</sup> Grupo de Estudos em Formação do Olhar – GEFOL





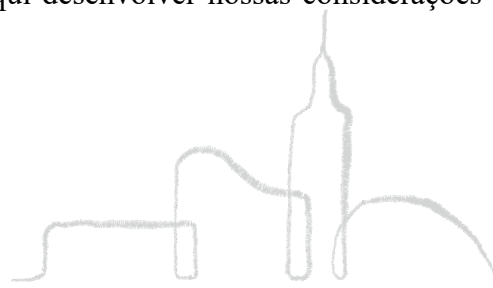
## INTRODUÇÃO

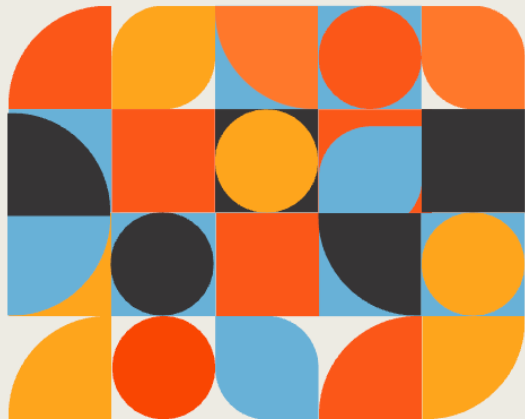
O artigo que agora apresentamos é resultado do projeto de pesquisa: **As performances de gênero femininas no campo da moda no Agreste pernambucano e seus argumentos emancipatórios no mundo do trabalho: uma compreensão discursiva**. Realizado na Universidade Federal de Pernambuco, no Campus Acadêmico do Agreste, localizado na cidade de Caruaru. O estudo é promovido pelo Grupo de Estudos em Formação do Olhar, coordenado pela professora Teresa Lopes, e é desenvolvido na qualidade de iniciação científica.

Temos como objetivo geral, o mesmo do projeto mencionado, que consiste em se: **compreender se a moda e o design de moda são um campo para a emancipação das performances de gênero femininas na região do Agreste pernambucano**. Contudo, trazemos uma pergunta de pesquisa específica, que nos particulariza diante das demais equipes da iniciação científica, que é: **Por que Caruaru, mesmo sendo uma das três maiores cidades que compõem o polo de confecções do Agreste, o trabalho das costureiras continua sendo desvalorizado?** Assim, como o nosso questionamento central, os nossos objetivos específicos são diferentes dos demais, conferindo assim um rumo particular e inédito a esse trabalho que agora é apresentado. Assim, temos os seguintes objetivos específicos: (a) Entender como se dá o trabalho das costureiras de Caruaru sob a perspectiva da moda; (b) Analisar os atos de fala das costureiras em relação a sua emancipação no mundo do trabalho; (c) Considerar as relações moda e emancipação feminina como agrupamento discursivo das costureiras de Caruaru;

Esse trabalho se organiza a partir da necessidade de se conhecer quem são as mulheres que constroem o setor da moda do Agreste pernambucano, começando pelas costureiras. É importante para o campo da moda entender, ainda de forma discursiva, quem são essas mulheres, para que possamos entender se a moda, a partir do mundo do trabalho, é um argumento para a emancipação delas.

Assim, entendemos a moda como um processo histórico que abriga a esfera do que a sociedade expressa como feminino. E foi a partir da fala de algumas costureiras que poderemos aqui desenvolver nossas considerações sobre os temas abordados.





## JUSTIFICATIVA

A pesquisa que este artigo apresenta tem sua justificativa epistêmica no fato da incipiente produção acadêmica sobre como se estabelece o trabalho feminino (precarizado ou não) na região Agreste de Pernambuco, relacionado ao campo da moda. A sua importância reside também, em proporcionar uma investigação e a possível compreensão de como se dá o fenômeno das performances de gênero femininas na região, quando a relação de verificação e compreensão está no binômio: emancipação e trabalho.

Outro ponto importante e que justifica a necessidade de se pesquisar o tema é o imperativo de se combater, no meio acadêmico, os discursos que excluam ou impeçam as mulheres ou qualquer pessoa que performe o gênero feminino de atuar na integralidade e com dignidade no seu mundo do trabalho, no campo da moda e do design de moda. Espaço esse, que em tese, abrigaria as mulheres historicamente, mas o faz muito pelo meio da aparência Maffesoli, M. (1996), e pouco é registrado como espaço para emancipação por meio do trabalho.

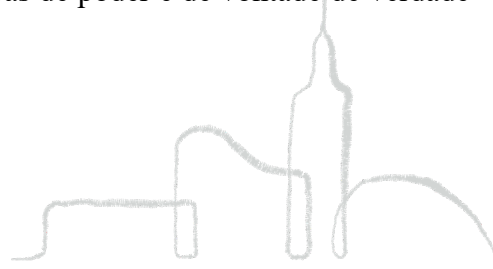
Ainda é importante mencionar que a região que estamos falando, o “Polo de Confeções do Agreste, formado pelas feiras de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, movimentam mais de R\$ 5 bilhões na economia a cada ano.” Essa é a descrição de uma das matérias do G1 Caruaru e Região do ano de 2023, ao longo da leitura dessa matéria fala-se como os polos geram recursos financeiros, empregos formais e informais e mostram algumas empreendedoras e seus produtos vendidos pelas feiras que há nesses polos. O que nos mostra o tamanho do valor econômico que a região representa para o estado.

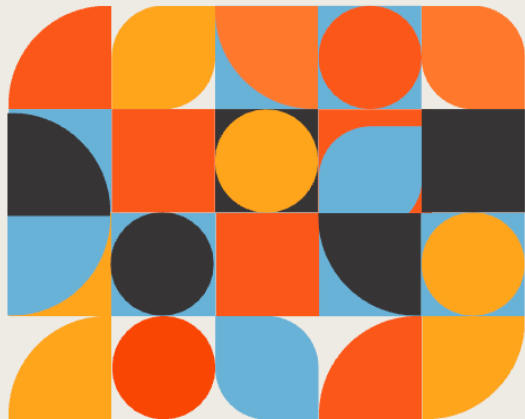
## METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de abordagem subjetivista e de base qualitativa para aproximação e coleta dos dados. Tem como corpus as mulheres (pessoas que se identificam com a performance de gênero feminino) que trabalham no campo da moda no Agreste pernambucano e se identificam profissionalmente como costureiras. Tem como método de coleta de dados as entrevistas semiestruturadas em *snow ball* e para a crítica será utilizado a análise do discurso foucaultiana, visto que ela permite a compreensão das dinâmicas de poder e de vontade de verdade<sup>5</sup> presentes nas falas das entrevistadas.

---

<sup>5</sup> FOUCAULT, M. (2001)





A pesquisa foi executada (nos meses de março a maio de 2025) a partir do mapeamento da cadeia produtiva da moda na região Agreste pernambucana. Em seguida foi proposto um levantamento bibliográfico, que consistiu na leitura dirigida da base teórica que deu subsídio a escrita desse texto. Com essa parte da pesquisa concluída foi feita a produção desse artigo, com base no que já foi levantado até o momento.

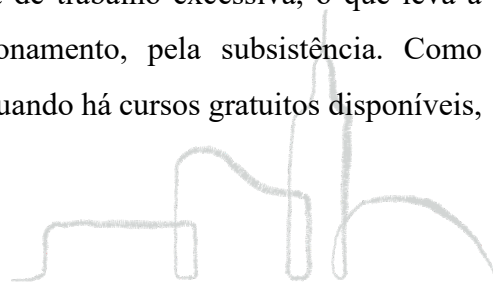
## ANÁLISE PRELIMINAR

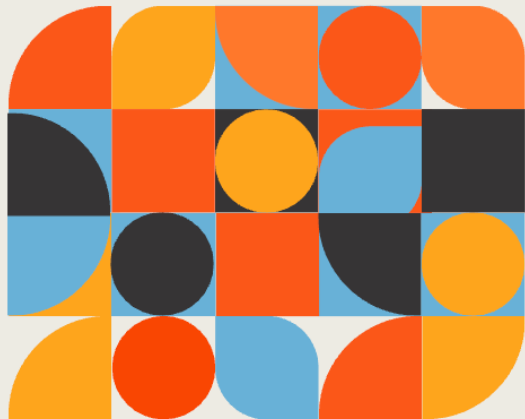
### Quem são as costureiras de Caruaru?

A partir do questionário semiestruturado, foram feitas perguntas às mulheres entrevistadas (as costureiras), e pudemos entender que muitas delas exercem seu ofício em uma categoria de trabalho chamada “facção”, que se configura como um trabalho autônomo, sem carteira assinada, onde um empresário/empresária entrega para elas as roupas apenas cortadas e elas têm que costurar, para fechar esses artefatos. Essas peças, em sua maioria custam centavos para serem fechadas, e esses valores dependem, também, da cidade em que as costureiras estão localizadas. Muitas famílias dependem diretamente do trabalho feminino na confecção para sua subsistência. Geralmente, esse conhecimento lhes foi repassado das gerações mais antigas, de avós para mães e delas para as filhas. É uma profissão que possui homens, mas a maior parte do trabalho é feita por mulheres.

A desvalorização dessas mulheres é uma realidade que ainda persiste, mesmo diante da importância fundamental para o funcionamento e crescimento do setor. Grande parte delas trabalha informalmente e não têm direitos trabalhistas garantidos. Muitas atuam em suas próprias casas ou em facções em condições precárias e sob uma grande jornada de trabalho. Apesar da alta produtividade, essas mulheres costumam receber salários muito baixos, a maior parte das vezes, pagos por produção, ou seja, por cada peça feita.

Essas mulheres são vistas, frequentemente, apenas como “mão de obra barata”, e não como profissionais. Seus conhecimentos técnicos, acumulados ao longo de gerações, são ignorados ou tidos como algo “natural”, como se costurar, modelar ou organizar a produção fosse uma extensão do trabalho doméstico. Os grandes empresários – geralmente homens – frequentemente, impõem uma carga de trabalho excessiva, o que leva a muitas dessas profissionais a aceitarem essas condições sem questionamento, pela subsistência. Como consequência, acabam sem tempo para investir em qualificações, mesmo quando há cursos gratuitos disponíveis, como os oferecidos pelo SENAC e SENAI.





# 20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

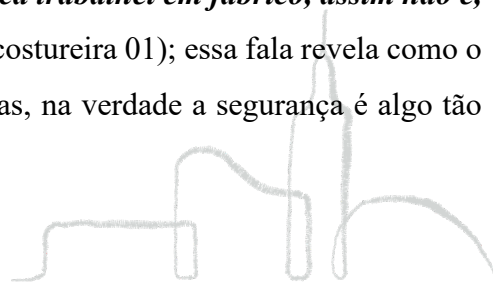
Além disso, muitas dessas profissionais focam exclusivamente na produção imediata, assumindo grandes volumes de trabalho de uma só vez. No entanto, quando enfrentam situações como uma doença, por exemplo, acabam sem acesso a qualquer direito trabalhista ou suporte adequado.

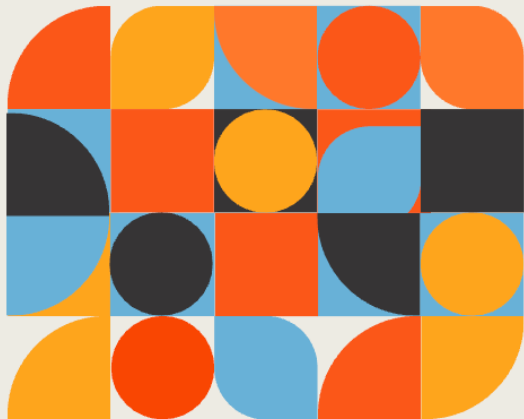
A maioria dessas costureiras que produzem as peças do setor de vestuário são deixadas de lado, na verdade, o foco na mídia e na política se volta totalmente para aqueles que investem e geram grandes montantes de renda para o polo de confecção do Agreste. A costura é todo o processo de junção dos tecidos para o surgimento da peça desejada. É fato que existe a valorização de mulheres estilistas, aqueles que trabalham roupas de grife, por exemplo, mas uma simples costureira no Agreste não tem o seu trabalho valorizado, e por esse motivo tem sua emancipação precarizada, assim como o seu trabalho.

Para se ter uma ideia da realidade que estamos considerando, pode-se ver o documentário “Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar” (2019), que apresenta um retrato crítico da cidade de Toritama, conhecida como a “capital do jeans”. O filme mostra o dia a dia dos moradores que se orgulham da autonomia, mas essa aparente liberdade esconde uma rotina marcada pela pressão da produtividade. Marcelo Gomes - diretor do filme comenta “pessoas que se apegam à ideia da autonomia, de ser o próprio patrão, sem perceber que estão sendo escravizadas por elas mesmas”.

Ao entrevistar essas mulheres-costureiras, escutamos relatos como: ***“minha mãe era costureira, morava no sítio, na zona rural, minha mãe sempre costurou pra aqueles homens de lá, aquelas mulheres, era um lugar bem difícil. E eu vendo minha mãe costurar, aí eu comecei a costurar”*** (costureira 02); ***“Toda a minha vida eu me dediquei a costura, e não me arrependo. Não cheguei aonde eu queria, mas cheguei aonde Deus permitiu e assim tô satisfeita.”*** (costureira 03) Esse grupo de falas revela um discurso de conformismo com a realidade, e que nos permite entender que o tempo passa para essas mulheres de um modo diferente, sem perspectivas, por meio da repetição da subsistência que passa de geração em geração para as mesmas famílias, revelando um ciclo perverso, precário e onde a mulher apesar de ser o centro da produção de trabalho, ela é oprimida historicamente.

***“Faz, faz 30 anos que trabalho com costura. Sempre facção, nunca trabalhei em fabrico, assim não é, pra trabalhar fichada nunca trabalhei não. Sempre trabalhei em casa”*** (costureira 01); essa fala revela como o trabalho assegurado, com garantia de direitos, não é um horizonte para elas, na verdade a segurança é algo tão





# 20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

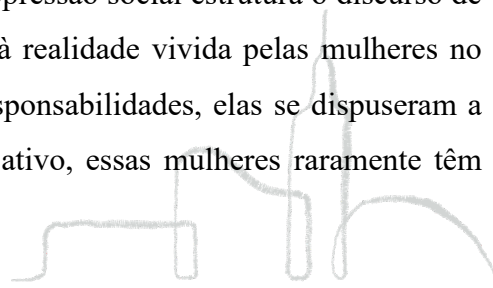
distante quanto a buscarem por uma vida digna fora das grades do sistema patriarcal, por exemplo. Pois a vida dura gera um contexto complexo para entendermos seus processos de emancipação.

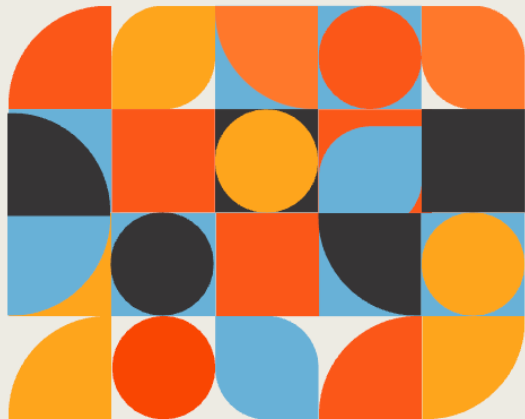
*“Eu conserto, se vim qualquer coisa para consertar, agora pra mim fazer moda mesmo, eu não faço. Só faço facção que já vem cortada. Não sei cortar, e é isso. Tenho vontade muito grande de fazer um curso pra mim cortar entendeu, mas, por enquanto eu ainda não tenho tempo.”* (costureira 04); *“Eu produzo para os fabricantes, daqui mesmo. Ela compra o material, me entrega cortado, eu produzo a peça e entrego.”* (costureira 05); já essas falas revelam que o investimento nos processos de formação e melhoria de seus conhecimentos é uma realidade muito distante, elas ficam presas a partes da produção, não apresentado consciência da importância do trabalho que realizam, a maioria delas não enxerga a cadeia de produção toda, entendem apenas do que fazem, se tornando cada dia mais dependentes dos seus fornecedores e contratantes locais.

Com os trechos apresentados acima, temos uma prévia da análise discursiva que essa pesquisa está nos permitindo fazer, como vontade de verdade temos aqui a precarização de suas vidas e notadamente, quando a relação está associada ao trabalho. Pudemos entender que essas mulheres são histórica e tradicionalmente invisibilizadas em seu papel social e, portanto, apesar de sobreviverem e muitas serem as donas dessas facções, ou seja, possuírem uma relação de poder, esse fato é menor diante da opressão que a cadeia produtiva exerce sobre elas, em grande parte, composta por homens. Quanto a sua emancipação podemos dizer que se por um lado elas são pagas pelo que fazem, por outro elas não possuem garantias de direitos, cobertura de saúde e não possuem autonomia em suas escolhas sociais, profissionais e por conseguinte, familiares. E destacamos que essas mulheres são em grande número, mas são fragilizadas e invisibilizadas quando a questão é o trabalho no campo da moda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, apresentam-se como discussões preliminares temas centrados no campo da moda envolvendo as questões relacionadas ao mundo do trabalho feminino na costura, onde a opressão social estrutura o discurso de gênero. Contudo, essa pesquisa nos proporcionou um olhar mais atento à realidade vivida pelas mulheres no Agreste pernambucano. Mesmo com uma rotina intensa de trabalho e responsabilidades, elas se dispuseram a responder nossas perguntas com atenção. Em meio a um cotidiano cansativo, essas mulheres raramente têm





# 20<sup>º</sup> COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

momentos de pausa para lazer ou conversas. Suas vidas são marcadas pelo compromisso constante, deixando de lado momentos de distração.

Nesse processo, também pudemos ler autores que antes não tínhamos contato, o que contribuiu significativamente para a ampliação dos nossos horizontes teóricos. As novas leituras trouxeram diferentes perspectivas e enriqueceram nossa compreensão sobre temas centrais. Além disso, os debates com o grupo de pesquisa foram fundamentais para consolidar esses conhecimentos. As trocas de ideias estimularam reflexões críticas e questionamentos que aprofundaram a análise apresentada aqui.

Fica aqui o registro de que foi muito interessante ir a campo e falar com essas mulheres e ver suas experiências, vivências e como a costura mudou a vida delas, que por meio das suas habilidades conseguiram constituir suas famílias e que terem uma profissão, vimos mulheres lutadoras e que não dependem dos outros, vão lá, correm atrás dos seus objetivos, independente das adversidades e nesse percurso negociam sua emancipação na base da sociedade que as significa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Bodies that matter. On the Discursive Limits of "Sex"**. New York: Routledge, [1993]

FRASER, N. (2007). “Mapeando a imaginação feminista: Da redistribuição ao reconhecimento e à representação”. Estudos feministas, 15.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/ Michael Foucault**. tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 23 edição São Paulo: Edições Loyola. 2013.

"ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR"

- <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/marcelo-gomes-revela-em-berlim-dura-vida-da-capital-do-jeans-23443154> - Acesso em 04 de Junho de 2024

<https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2023/05/29/gigante-no-agreste-de-pe-polo-de-confeccoes-garante-renda-e-emprego-para-mais-de-24-mil-pequenos-empresarios.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2025.

MAFFESOLI, M. (1996). **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes

